

Firjan

PETRÓLEO

ANO II • 004 • MAIO DE 2019



Campo de Lula: sinônimo da atração de investimentos para o estado do Rio

pág. 6



MERCADO

Incentivo aos campos maduros

pág. 3

ENTREVISTA

A importância do ambiente estável

pág. 4

INOVAÇÃO

ONIP em nova fase rumo à indústria 4.0

pág. 10

CASO DE SUCESSO

Habilidades técnicas e socioemocionais

pág. 12

DADOS

Representatividade do estado do Rio no mercado

pág. 14

BRASIL: PROTAGONISTA EM PETRÓLEO E GÁS NATURAL

O Brasil está em transição. Não diferente de muitas economias no mundo, mas particularmente empenhado em mudar. As previsões são de um crescimento mais lento, mas que pode ser vislumbrado, o que, no ambiente de petróleo, significa dizer que os objetivos de preços devem se alinhar aos de produção dos grandes protagonistas. Segundo consultorias especializadas, podemos esperar valores em torno de US\$ 70 por barril para o Brent nesse próximo trimestre.

Portanto, mais do que nunca precisamos ser competitivos na disputa por recursos para nossos projetos de desenvolvimento da produção brasileira de óleo. A concorrência por investimentos e recursos financeiros ficará cada vez mais apertada. E quanto menor nossos custos associados, maior nossas chances de vitória.

Nosso país tem um dos maiores mercados *offshore* do mundo. Com a diversidade de operadores que vemos hoje atuando no Brasil, é possível enxergar a chegada de uma ampla diversidade de fornecedores de outros países dedicados a aumentar suas relações comerciais com o Brasil.

Todo esse investimento deve também se desdobrar sob o ambiente de gás. Avançando nas negociações para uma regulação de abertura, nos colocaremos no radar de muitos potenciais investidores e conquistaremos condições necessárias para o aumento de produção.

Segundo informações do mercado, o Brasil é o maior produtor de gás natural da América do Sul. Em cinco anos, podemos ser o maior da América Latina e o terceiro maior das Américas – atrás dos EUA e Canadá.

As expectativas para o gás são de crescimento de demanda forte e perene no longo prazo. O gás foi eleito o combustível de transição para a nova matriz energética, em atendimento às metas de descarbonização mundiais.

Cuidar para que tenhamos o melhor retorno para todos está no nosso propósito. Quanto mais produtores, comercializadores, distribuidores e consumidores, mais maduro será nosso mercado; e quanto mais experiente, mais próximo estaremos de ter preços competitivos.

É certo que estamos há muito tempo na vanguarda de uma matriz energética limpa e sustentável. Estamos livres do vício do uso do carvão. Nosso potencial de geração é ainda maior quanto mais avançarmos na direção das energias renováveis.

Assim, mantemos nosso compromisso em contribuir para que nossas empresas sejam ainda mais capazes na agregação de valor e na contribuição da retomada econômica de nosso estado, com foco sempre na participação nacional e internacional.

Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira
Presidente da Firjan

MERCADO

CAMPOS MADUROS EM PAUTA E DESCOMISSIONAMENTO NO FUTURO

O mercado de Petróleo e Gás (P&G) no Brasil está atravessando um período de retomada de investimentos, com grande movimentação, principalmente na região Norte Fluminense. Há mais de 40 anos na ativa, a Bacia de Campos, onde se encontra um dos maiores complexos petrolíferos marítimos do mundo, volta a despontar como uma das principais áreas estratégicas. Nas últimas rodadas da Agência Nacional de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), a Petrobras adquiriu 11 blocos exploratórios na região.

Ao todo, a estatal tem hoje cerca de 90 projetos na Bacia de Campos para perfuração, completação e interligação de novos poços, além de manutenção e aumento da eficiência das unidades de produção em operação. Destas, segundo José Luiz Marcusso, gerente executivo de Águas Profundas da companhia, a revitalização dos campos maduros de Marlim é o projeto em fase mais adiantada, com seu contrato de concessão prorrogado pela ANP até 2052, juntamente com o campo de Voador. O projeto prevê a substituição das plataformas e o uso dos poços existentes e a construção de novos para melhorar a drenagem do campo.

“Também obtivemos a prorrogação dos contratos de concessão dos campos de Marlim Sul e Marlim Leste, o que viabilizará novos investimentos, além de estarmos discutindo a prorrogação dos contratos de Albacora Leste, Barracuda, Caratinga e Roncador”, destaca.

Com vistas ao aumento do fator de recuperação da Bacia, a Petrobras também está investindo em ações de gerenciamento de reservatórios e no desenvolvimento de novas tecnologias. Uma parceria estabelecida com a Equinor, no campo de Roncador, tem a perspectiva de aumentar em 5% o fator de recuperação.

“O desenvolvimento de novas tecnologias é fundamental para a melhoria da produção desses campos. E quando se aumenta a produção, aumentamos a geração de *royalties* e de emprego e renda. Até o final do ano teremos um crescimento bastante significativo nesse mercado”, frisa Raul Sanson, vice-presidente da Firjan.

PLANO DE DESCOMISSIONAMENTO

Além desses grandes campos maduros, o mercado está na expectativa daqueles que serão desinvestidos pela Petrobras e as áreas em Oferta Permanente.

A busca pela maximização do fator de recuperação das áreas deve ser prioridade, de acordo com Marcelo Mafra, superintendente de Segurança Operacional e Meio Ambiente da ANP. A tomada de decisão pelo descomissionamento deve se dar apenas após a comprovação de inviabilidade econômica da área pelo operador. Para tanto, em minuta de revisão de regulamentação já finalizada, a Agência propõe a antecipação dos planos de desinstalações para cinco anos antes da efetivação das atividades.

“Quando o operador optar pelo descomissionamento, ele estará fazendo um planejamento antecipado. O operador terá que apresentar um estudo comprovado de inviabilidade econômica. E durante esses cinco anos, a ANP colocará essas áreas devolvidas para o ciclo de ofertas do mercado. Se não houver arremate, seguirá o plano de descomissionamento”, explica. Segundo Mafra, a regulamentação vai induzir boas práticas, incentivando uma guinada rumo às tecnologias que primem pelo monitoramento remoto e pela inspeção, e que tragam informações mais robustas em custo reduzido. “O foco é antecipação, planejamento, gestão e informação”, afirma.

ENTREVISTA

A PREVISIBILIDADE É FUNDAMENTAL

FOTO: ARQUIVO TOTAL/WAGNER PINHEIRO

Com perspectivas de mais de R\$ 270 bilhões em investimentos nos próximos anos para a cadeia produtiva de Petróleo e Gás (P&G), de acordo com o BNDES, o Brasil continua sendo protagonista mundial do mercado. Junto com os Estados Unidos, Canadá e Cazaquistão, o país é um dos principais ofertantes de P&G fora da Opep. Sob esse cenário, Philippe Blanchard, diretor-geral da Total E&P do Brasil e novo presidente do Conselho Empresarial de Petróleo e Gás da Firjan, detalha como a empresa vem aumentando seu portfólio na costa brasileira e lidando com a transição energética. Blanchard avalia ainda o ambiente regulatório e a atratividade do país.

O Brasil se mantém atrativo em 2019 e nos próximos anos frente a outros países?

As perspectivas de investimento para a indústria no Brasil entre 2018 e 2021 são da ordem de R\$ 540 bilhões, de acordo com dados do BNDES, e somente o mercado de P&G representaria mais de 50% desse total. Ou seja, continua sendo um dos principais mercados na formação de capital no país. O pré-sal brasileiro já é tão competitivo comercialmente quanto grandes campos do Oriente Médio e coloca o país em posição de destaque, tendo atraído grandes investimentos, nos últimos anos, das principais empresas de exploração e produção (E&P). A Total, por exemplo, expandiu de forma significativa o seu portfólio na costa brasileira, entre 2013 e 2019, passando de três para 19 ativos *offshore*, tendo em vista, principalmente, o potencial das reservas do pré-sal.

Como a Total vê o aumento da produção brasileira de P&G no contexto mundial?

A oferta global de petróleo vem apresentando avanços desde o ano passado, enquanto a demanda vem mostrando sinais de enfraquecimento – o que indica que o mercado caminha para um quadro de equilíbrio em 2019. De acordo com relatório da Opep do final de 2018, o Brasil, juntamente com os Estados Unidos, o Canadá e o Cazaquistão, foram os principais *drivers* de crescimento da oferta fora do grupo. Em 2019, a expectativa é que o protagonismo brasileiro seja mantido. O pré-sal brasileiro representa uma das regiões de maior potencial para crescimento da produção de P&G no Brasil. A retomada dos leilões atraiu novos investimentos, dando novo ânimo à indústria e ampliando o horizonte de crescimento da produção nos próximos anos, o que deverá ter um efeito

positivo para a cadeia de fornecedores, criação de empregos e geração de renda no país.

Que estratégias podem ser adotadas para maximizar a atração de investimentos para o Brasil em P&G?

As perspectivas de investimento e, conseqüentemente, de retorno financeiro para o país são positivas. O apetite das empresas nas últimas rodadas do pré-sal demonstrou a atratividade dessas áreas e o volume de investimentos que podem ser trazidos ao país. Entretanto, investir no Brasil ainda envolve desafios. Para manter a atratividade e a competitividade frente a outros países, é importante que se construa um ambiente tributário, político e regulatório estável, a fim de estimular a continuidade dos investimentos da indústria. Por se tratar de um mercado com projetos de longo prazo, a previsibilidade é fundamental para as empresas permanecerem aqui.

Como avalia o ambiente regulatório brasileiro no mercado P&G? Há sugestões de melhorias?

O potencial das reservas brasileiras é atrativo para o desenvolvimento dos nossos negócios, e as recentes mudanças no mercado de óleo e gás mostram que o país avançou para uma nova visão estratégica dessa indústria. Entretanto, ainda existem desafios para o desenvolvimento do mercado que esperamos que sejam equacionados, como a duração do processo de licenciamento ambiental, a complexidade fiscal, o incentivo ao investimento em campos maduros, entre outros temas fundamentais para o avanço e a consolidação da indústria.

Além disso, em um cenário de transição energética, o gás natural tem papel fundamental, substituindo cada vez mais o carvão na matriz energética. O Brasil tem grande potencial nessa área, sendo fundamental a implementação de regulamentações adequadas que permitam o desenvolvimento do mercado doméstico de gás natural.

Como a Total enxerga o cenário de transição energética mundial que vem se desenhando?

A Total vem adequando, nos últimos anos, a sua estratégia de negócio – tendo em vista o cenário previsto de elevação da temperatura global em 2°C, pela Agência Internacional de Energia (AIE) –, com o

“ PARA MANTER A ATRATIVIDADE E A COMPETITIVIDADE FRENTE A OUTROS PAÍSES, É IMPORTANTE QUE O BRASIL CONSTRUA UM AMBIENTE TRIBUTÁRIO, POLÍTICO E REGULATÓRIO ESTÁVEL ”

PHILIPPE BLANCHARD

objetivo de diversificar o seu *mix* energético. O petróleo e o gás natural são essenciais para o desenvolvimento e continuarão a desempenhar um papel importante nas próximas décadas, representando mais de 40% da matriz energética primária em 2035, segundo a AIE. Portanto, é irreal pensar em uma transição abrupta. Em vez disso, diante das discussões globais em torno de uma economia de baixo carbono, estamos olhando o nosso setor a partir de uma nova perspectiva e integrando os desafios do clima ao nosso negócio. Nesse cenário de transição, que traz muitas oportunidades de crescimento, parcerias e inovação, a Total está investindo globalmente na geração de energia a partir do gás natural e renováveis, como solar e eólica, inclusive no Brasil. Em 2018, inauguramos a nossa primeira planta solar no país e vislumbramos grande potencial para o desenvolvimento de novos projetos no pré-sal, renováveis e gás natural nos próximos anos.

Como avalia o papel da Firjan no desenvolvimento da indústria de bens e serviços fluminense?

O ambiente de negócios brasileiro favorece o intercâmbio de experiências e a cooperação entre companhias parceiras em pesquisa e tecnologia – fatores que contribuem para potencializar e gerar oportunidades de negócios. Os investimentos trazidos para o mercado de petróleo devem movimentar toda a cadeia produtiva, e a Firjan é um ator importante nesse cenário, atuando, principalmente, na aproximação entre operadoras e empresas fornecedoras de bens e serviços. O incentivo à competitividade é benéfico para todos, e a federação tem muito a contribuir nesse sentido, promovendo o estímulo às pequenas e médias empresas.

O GIGANTE DO PRÉ-SAL BRASILEIRO

Com produção acumulada em 2017 de 736 milhões de barris de petróleo, o campo de Lula é o segundo maior produtor *offshore* de petróleo do mundo. Soma-se a isso, 32,1 bilhões de m³ produzidos em gás natural. A expectativa para os próximos anos é de aumento, fortalecendo o papel do Brasil no mercado de P&G. De acordo com a Petrobras, a entrada em operação da plataforma P-67 no início de fevereiro deverá proporcionar, ainda em 2019, a marca de 1,3 milhão de barris de óleo equivalente produzidos diariamente no campo, considerando petróleo e gás. Os números expressivos foram conquistados em menos de uma década desde o início de sua produção comercial, em outubro de 2010.

“O campo de Lula é sinônimo da atração de investimentos para o nosso estado. Com o mercado de petróleo aquecido e com perspectivas positivas para este ano, a indústria poderá reassumir o papel de protagonismo. Todo o país só tem a ganhar”, reforça Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira, presidente da Firjan.

FOCO EM TECNOLOGIA DE PONTA

Localizado na concessão BM-S-11, o campo de Lula é operado pela Petrobras (65%), em parceria com a Shell Brasil (25%) e a Petrogal Brasil (10%). A assessoria de imprensa da Petrobras informou que, no atual estágio de desenvolvimento dessa área exploratória, o foco é trabalhar no *ramp up* (fase de crescimento) das plataformas que entraram em operação recentemente, ou seja, a P-69 e P-67, as duas com capacidade

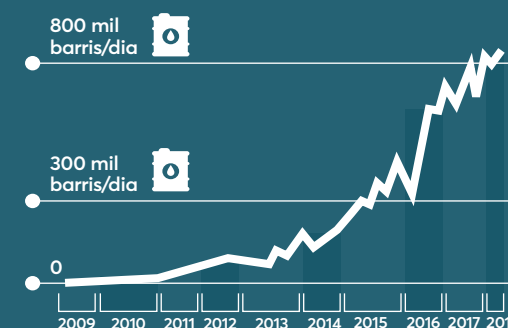
para processar diariamente até 150 mil barris de óleo e comprimir até 6 milhões de m³ de gás natural cada. Além disso, as equipes da operadora atuam constantemente no gerenciamento do reservatório e

AS NOVE TECNOLOGIAS APLICADAS PELA PETROBRAS NO CAMPO DE LULA

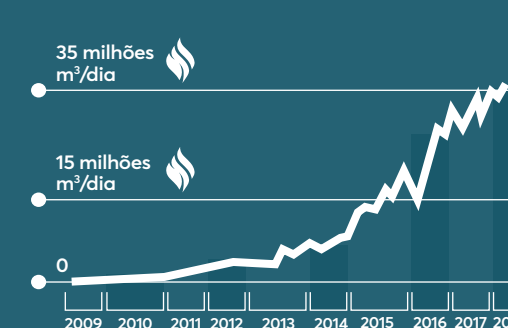
- Boia de Sustentação de *Risers* (BSR)
- *Risers* rígidos em catenária composto por tubos com liner, instalados pelo método *reel lay*
- *Risers* flexíveis em lâmina d'água ultraprofunda (maior do que 2.000 metros)
- Aplicação de *risers* flexíveis com sistema integrado de monitoramento dos arames de tração
- Recorde de profundidade de lâmina d'água (2.103 m) na perfuração de um poço submarino com a técnica de *Pressurized Mud Cap Drilling* (PMCD)
- Primeiro uso intensivo de completação inteligente em águas ultraprofundas nos poços satélites
- Separação de dióxido de carbono (CO₂) associado ao gás natural em águas ultraprofundas (2.220 m), com injeção de CO₂ em reservatórios de produção
- Mais profundo poço submarino de injeção de gás com CO₂ (em lâmina d'água de 2.220 m)
- Uso do método alternado de injeção de água e gás em água ultraprofunda

HISTÓRICO DE PRODUÇÃO DO CAMPO DE LULA

PETRÓLEO



GÁS NATURAL



Fonte: Plano de Desenvolvimento do Campo de Lula aprovado pela ANP em 10/01/2018

na gestão da integridade dos equipamentos, de forma a otimizar o resultado do ativo e aumentar o fator de recuperação.

A tecnologia é forte aliada na operação das plataformas. De acordo com a empresa, o Campo de Lula conta com diversas soluções de instrumentação, software e gerenciamento de dados, constantemente desenvolvidas para otimização das atividades de exploração e produção por meio da transformação digital. Outro destaque é o Centro de Operação Integrada (COI), que à distância é capaz de monitorar parâmetros operacionais das unidades em tempo real e apoiar as equipes embarcadas 24 horas por dia.

A Petrobras continua o trabalho, já reconhecido pelo mercado, em busca dos melhores resultados para a

área. Esse reconhecimento se materializou em 2015, com o prêmio *Distinguished Achievement Award* da OTC por 10 tecnologias aplicadas no Polo Pré-Sal da Bacia de Santos em condições únicas na indústria *offshore* de petróleo. Dentre as dez tecnologias citadas, nove foram aplicadas no Campo de Lula.

SEGURANÇA

A SBM Offshore opera plataformas no campo de Lula. Para isso, a empresa segue normas rígidas de qualidade e segurança, em que o foco maior está na qualidade de vida dos operadores e na produtividade das unidades. Por estar localizado no pré-sal, Lula possui ainda como diferencial competitivo a manutenção do *plateau* de produção por mais tempo do que os campos no pós-sal, permitindo ganhos de escala e produção.



"As maiores oportunidades são com o aproveitamento da grande escala, por meio da padronização das unidades de produção", explica Eduardo Chamusca, diretor da empresa no Brasil.

Por outro lado, ele indica que o principal desafio de operar no local é respeitar as complexidades do campo e requisitos de segurança e, ao mesmo tempo, torná-lo economicamente viável. "É aí que entra a experiência das empresas de engenharia e produção, trazendo soluções inovadoras, como o Fast4Ward™ da SBM, utilizando-se de cascos *new built* pré-fabricados e módulos de *topside* padronizados", conta. De acordo com ele, isso permite relevantes cortes de custos e menores prazos entre contratação e primeiro óleo: "Consequentemente, melhora a economicidade dos campos e reduz os *breakevens*, ou seja, o preço mínimo do barril a partir do qual a produção é viável".

DEMANDA DE BENS E SERVIÇOS

A última revisão do Plano de Desenvolvimento do Campo de Lula foi aprovada pela ANP em 10/01/2018, contemplando a utilização de nove Unidades Estacionárias de Produção (UEP) do tipo FPSO (*Floating Production Storage and Offloading*), todas já instaladas e em produção. A nova política para a exploração e produção proporcionou a diversificação dos operadores, ampliando a demanda

por bens e serviços. Assim, os fornecedores tendem a se beneficiar com um mercado mais aberto, competitivo e eficiente. Essa é a opinião de Décio Oddone, diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), e de Márcio Felix, secretário de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis do Ministério de Minas e Energia (MME).

"O maior número de *players* no setor, formado por grandes empresas de atuação internacional, somado à Petrobras, contribuirá certamente para que significativas contratações de bens e serviços para o desenvolvimento dos campos sejam realizadas no país", pondera Felix. "Estamos imbuídos em viabilizar a licitação dos volumes excedentes do Contrato de Cessão Onerosa ainda este ano. Esse é um desafio grande, dadas as cifras envolvidas e a necessidade de se concluir a revisão do contrato da Cessão Onerosa", complementa.

Oddone, por sua vez, afirma que a transformação vivida atualmente é a maior que a indústria brasileira já sofreu desde os anos 1950, quando a Petrobras foi criada. "A quebra do monopólio e a criação da ANP nos anos 1990 não foram capazes de mudar tanto a indústria como as ações que estão em curso agora serão capazes", frisa ele, ressaltando também que há uma busca das operadoras por redução de custos; portanto o apoio logístico à indústria deve ser conduzido de forma mais integrada e eficiente.

DINAMIZAÇÃO TAMBÉM COM O GÁS NATURAL

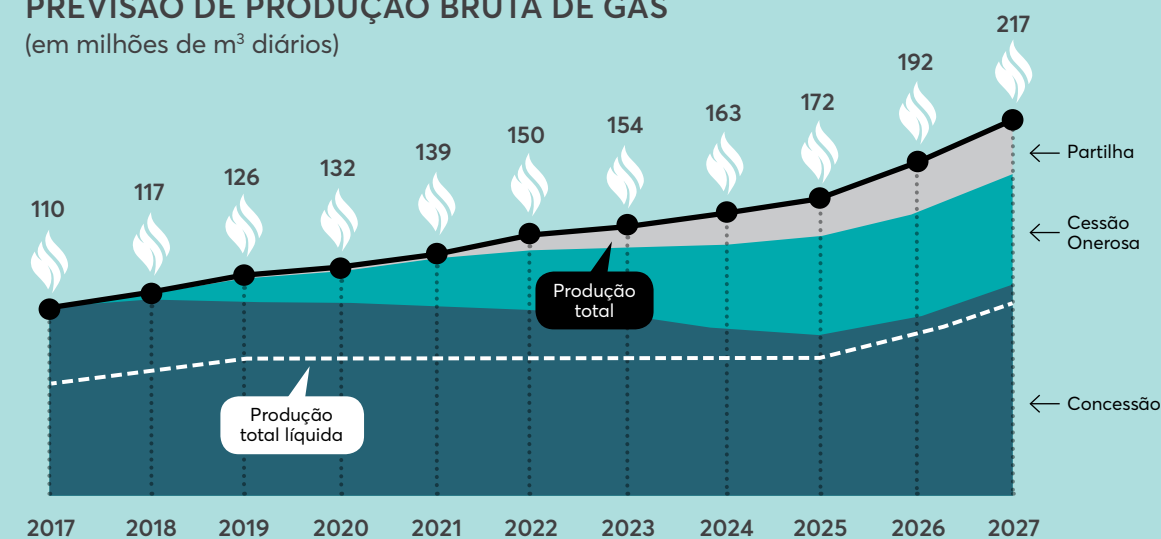
O gás natural também tem grande potencial de crescimento. De acordo com o Plano Decenal de Expansão de Energia 2027, elaborado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), são esperados 67 milhões m³/dia de produção do gás apenas no pré-sal em 2019. Em 2027, esse montante deve chegar a 143 milhões m³/dia. Além disso, para a próxima década, estão previstas as construções de mais 19 FPSOs somente nessa área.

De acordo com Cristina Pinho, subsecretária de Estado de Petróleo e Gás e Fontes Renováveis do Rio, o aumento esperado da produção no pré-sal pode trazer investimentos na indústria de transformação, como a de vidros e siderurgia, na Zona de Processamento de Exportação (ZPE) do Açú, em São João da Barra, que tem prevista, ainda, a instalação de uma térmica. "Há ainda a construção e operação da termelétrica a gás Marlim Azul, em Macaé; e o Terminal Portuário de Macaé, o Tepor, em fase de instalação", lembra. A petroquímica, diz, deve se beneficiar com a evolução do Comperj, que pode abrigar outros processos além da atual Unidade de Processamento de Gás Natural

(UPGN), em construção em Itaboraí, previsto para 2020. A unidade processará 21 milhões de m³/d de gás da Bacia de Santos, a ser escoado pelo gasoduto Rota 3.

Luiz Costamilan, secretário executivo de Gás Natural do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás e Biocombustíveis (IBP), destaca que um dos principais desafios, atualmente, está nas infraestruturas essenciais, como escoamento e tratamento, o chamado *midstream*. "Está intimamente ligada à abertura do mercado. Quanto maior o número de agentes, maior será a competição", pondera. Ele cita ainda a adoção do sistema de transporte contemplado no Decreto nº 9.616/2018, que possibilitará maior número de usuários. O conceito de entrada e saída, utilizado na Europa, concebe um sistema de transporte único, permitindo que compradores e vendedores possam negociar volumes de gás independentemente de sua localização física na rede. Já no que se refere à distribuição, o secretário do IBP afirma serem necessários mais consumidores livres, já previstos na legislação. "À medida que promovermos essa abertura teremos competição", analisa.

PREVISÃO DE PRODUÇÃO BRUTA DE GÁS (em milhões de m³ diários)



Fonte: Plano Decenal de Expansão de Energia 2027 – EPE

•••••
INOVAÇÃO

A NOVA FASE DA ONIP



Organização Nacional da Indústria do Petróleo

10

Visando a maior participação do encadeamento produtivo dos mercados de Petróleo e Gás (P&G) e a melhoria do ambiente de negócios, a Organização Nacional da Indústria do Petróleo (ONIP) entrou em uma nova fase. Com Karine Fragoso, gerente de Petróleo, Gás e Naval da Firjan, à frente da direção da organização desde agosto de 2018, o foco tem sido no aumento da competitividade da indústria nacional.

“Nosso objetivo é ampliar a participação das empresas que já vêm atuando no mercado brasileiro e das novas empresas que chegaram nos últimos anos, trabalhando, cada vez mais, em parceria com diversos atores institucionais e empresariais, além de continuar atuando nas pautas de consenso dessa indústria, para elaboração de propostas aos tomadores de decisão na esfera pública”, destaca Karine.

Os Comitês Integradores, implantados para estimular o desenvolvimento do mercado de P&G, já iniciaram suas rotinas de trabalho. De acordo com Karine, o Comitê de Acesso a Mercado se destaca, nessa nova fase, na realização das rodadas de negócios que aproximam os demandadores e os fornecedores. Além de acompanhar o mercado, por meio de uma visão macro dos investimentos, o Comitê dedicará atenção

especial aos recursos para operação e manutenção das infraestruturas disponíveis. “O Comitê estará atento também ao calendário de eventos para fomento dos negócios e ao atendimento dos requisitos de normatização, qualidade, compliance e integridade desses mercados”, conta.

Os Comitês de Ambiente Regulatório e de Competitividade e Produtividade também já estão operando. Na visão de José Ricardo Roriz Coelho, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), esses espaços representam um alicerce poderoso para atuação da ONIP. “Acredito que os Comitês Integradores terão um papel cada vez mais importante na realização de debates e na elaboração e proposição de ações para o mercado e para as cadeias produtivas. Essa estrutura permitirá à ONIP uma atuação mais efetiva nos temas relevantes”, ressalta.

NOVA MARCA E NOVO PORTAL

Refletindo a fase de reposicionamento, a Organização lança, neste mês de maio, sua nova marca, mais leve e moderna, e um novo portal com informações estratégicas. Alinhada ao cenário de transformação digital e energética atual, a ONIP apostará em recursos

modernos para transformar as riquezas naturais em negócios para a indústria brasileira. Inserido nesse contexto, o novo portal da organização funcionará como ferramenta para todo o seu trabalho, oferecendo uma agenda mais dinâmica para o associado, além de dados de mercado coletados de fontes e instituições parceiras.

Outro foco do portal inclui disponibilizar informações acerca da capacidade brasileira de atendimento às demandas de Capex ou de Opex. O espaço virtual atuará como ferramenta de acompanhamento das pautas regulatórias e de análise dos requisitos e do potencial aumento de produtividade desse encadeamento produtivo nacional, para atender os níveis de competitividade exigidos pelo mercado global. Segundo Karine, ainda está prevista a criação de um ambiente virtual de negócios, já em etapa de desenvolvimento. A ideia é aproximar os grandes compradores dos potenciais fornecedores.

Alfredo Renault, superintendente de Pesquisa e Desenvolvimento da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), destaca o papel histórico da ONIP como promotora de rodada de negócios. “As rodadas sempre foram estruturadas com o objetivo de aproximar pequenos fornecedores

11

“ VIVEMOS UM MOMENTO QUE EXIGE MAIS INOVAÇÃO, PRODUTIVIDADE E AVANÇOS RUMO À INDÚSTRIA 4.0. A ONIP TEM TOTAL CAPACIDADE PARA LIDERAR ESSES AVANÇOS ”

DURVAL VIEIRA DE FREITAS, DA FINDES

e principais consumidores. Tudo o que contribuir para criação de mecanismos de interlocução e trazer mais possibilidades para o fornecedor nacional é extremamente positivo”, opina.

Para Durval Vieira de Freitas, presidente do Fórum Capixaba de Petróleo & Gás, da Federação das Indústrias do Espírito Santo (Fines), as expectativas não poderiam ser melhores. “Vivemos um momento que exige mais inovação, produtividade e avanços rumo à Indústria 4.0. A ONIP, como importante instituição de articulação e cooperação entre as companhias e entidades do mercado de P&G no Brasil, tem total capacidade para liderar esses avanços, contribuindo para o desenvolvimento das empresas e do mercado brasileiro”, ressalta.

●●●●●
CASO DE SUCESSO

ALÉM DA TÉCNICA

Além de conhecimentos técnicos, o mundo em transformação exponencial exige competências socioemocionais dos trabalhadores. Essa visão está fazendo a diferença no projeto social A Todo Gás, patrocinado pela Fundação Naturgy e desenvolvido pela Firjan SENAI SESI. Desde o ano passado, os alunos passaram a receber aulas de temas transversais, associados a competências humanas, de modo a preparar os participantes para o mercado de trabalho.

“O olhar da responsabilidade social, com acompanhamento do grupo por um psicólogo, praticamente zerou a evasão, grande *gap* na formação profissional. Apenas dois alunos que já conseguiram emprego na área durante o curso precisaram interromper o curso. O balanço é extremamente positivo; o profissional sai capacitado integralmente”, conta Débora Targino, analista de Negócios em Responsabilidade Social da Firjan.

O projeto é voltado para capacitação em atendimento ao cliente, formando mão de obra qualificada em diversas atividades do mercado de gás natural. Desde 2015, foram beneficiadas mais de 270 pessoas, a maior parte em vulnerabilidade social. Em 2018, os cursos escolhidos para esse público foram o de Agente Comercial de Gás Canalizado e Instalador Predial e o de Manutenção de Tubulações a Gás Combustível. Em menor número, foram contemplados engenheiros, arquitetos e outros profissionais, formados em Técnicas de Inspeção de Gás para Autovistoria em Edificações.

QUALIFICAÇÃO DO MERCADO

“A iniciativa é muito importante para a Fundação, pois um dos nossos pilares de Responsabilidade Social Corporativa (RSC) é apoiar a educação; e simultaneamente, estamos formando mão de obra qualificada para o próprio mercado em que atuamos, em parceria com uma instituição de ensino renomada”, explica Bianca Carillo, que está à frente da RSC da Naturgy no Brasil.

Para executar o projeto, a Firjan SENAI cuida de todos os aspectos da formação técnica, incluindo o conteúdo programático, instrutores, treinamento e instalações físicas necessárias. Já a Firjan SENAI entrou com a parte de desenvolvimento humano, correspondente a 20% adicionais na carga horária – ou um dia por semana –, destinados ao conteúdo de cidadania, ética e empreendedorismo. A instituição é responsável também pela seleção dos alunos.

Carlos Magno, gerente geral de Negócios da federação, observa que, por meio de projetos de RSC, as empresas contribuem de forma significativa para a melhoria da sociedade. Ele lembra que a Firjan dispõe de *expertise* para elaborar projetos, encontrar linhas de fomento ou indicar a viabilidade de aplicação de recursos via leis de incentivo. “Contamos com especialistas altamente qualificados para apoiar a captação de recursos incentivados, construir e operar os projetos, e realizar todos os relatórios de impacto das iniciativas. Atuamos na máxima conformidade e no melhor resultado possível sobre o investimento social.”

Desafios exigem novas atitudes. Uma nova era exige um novo líder.



A nova era exige líderes preparados, com mentalidade transformadora e, segundo o World Economic Forum, em linha com as 10 habilidades de liderança para 2020.

Pensando nisso, desenvolvemos o Lidera, o programa que apresenta ações assertivas e customizadas, com profissionais renomados do mercado e parceria com centros de

conhecimento e excelência nacionais e internacionais.

O módulo internacional será na Universidade do Porto, em parceria com a UPTEC, sobre o tema: Inovação executiva – uma abordagem imersiva para líderes.

Saiba mais em firjan.com.br/lidera

Firjan IEL, a escola de
negócios da indústria.

Firjan IEL

PETRÓLEO, GÁS E NAVAL NO RIO

70%

DA PRODUÇÃO
DE ÓLEO E GÁS
OFFSHORE DO
BRASIL



130 MIL

INSTALAÇÕES
DE KIT GNV
EM 2018



10
POÇOS
EXPLORATÓRIOS
COMPROMISSADOS
NAS RODADAS
DE 2018



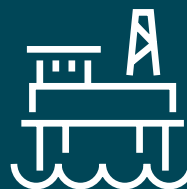
AUMENTO DE
75%
NAS ARRECADAÇÕES
GOVERNAMENTAIS
NO ESTADO
E MUNICÍPIOS
DO RIO EM 2018



18
DOS 29 BLOCOS
OFFSHORE
ARREMATADOS
EM 2018



4
PLATAFORMAS
DE PRODUÇÃO
PARA ENTRAR
EM OPERAÇÃO
EM 2019



EXPEDIENTE

Firjan: Presidente: Eduardo Eugenio Gouvêa Vieira • 1º Vice-presidente: Carlos Mariani Bittencourt • 1º Vice-presidente Firjan CIRJ: Sérgio de Oliveira Duarte • 2º Vice-presidente Firjan: Carlos Eduardo Gross • 2º Vice-presidente Firjan CIRJ: Raul Eduardo David de Sanson. **Gerência Geral de Comunicação:** Paola Scampini • Gisele Domingues • Jornalista Responsável: Fernanda Portugal. **Gerência de Petróleo, Gás e Naval:** Karine Fragoso • Thiago Valejo • Renata van der Haagen • Fernando Montera • Heber Bispo • Iva Xavier • Verônica França. **Editada pela Insight Comunicação.** Editor Geral: Coriolano Gatto • Editora Executiva: Sílvia Noronha • Redação: Lais Napoli • Joana Ferreira • Revisão: Geraldo Pereira • Fotografia: Agência Petrobras/Stéferson Faria (capa e pág. 8) • Getty Images • Projeto Gráfico: Paulo Felipe de Menezes Quintão (Firjan) • Design e Diagramação: Paula Barrenne • Produtor Gráfico: Ruy Saraiva • Impressão: Gráfica Grafitto • **Firjan:** Avenida Graça Aranha, 1 - CEP 20030-002 - Rio de Janeiro. Tel.: (21) 2563-4455 • petroleo.gas@firjan.com.br • www.firjan.com.br/petroleoegas